

Brizola corre para ver Soares antes de Collor

Lisboa — Reuter

Norma Couri

LISBOA — Como no samba do *Crioulo Doido*, de Stanislau Ponte Preta, neste fim de semana os palcos da campanha eleitoral brasileira colaram-se aos céus europeus, onde foi Leonel Brizola quem envergou a faixa preta de caratê para nocautear um Fernando Collor de Mello com chimarrão na mão. O placar apontou 43% para o ex-governador do Rio de Janeiro contra 11% do alagoano.

A história deu-se num *zês-trás* semelhante aos dos desenhos animados — Leonel Brizola, atraído pela anunciada chegada de Fernando Collor à Europa, alugou um táxi aéreo de Paris, no final da tarde de sábado, e conseguiu se antecipar a seu principal adversário. Passou 15 horas em Lisboa, jantou com o presidente Mário Soares, exibiu todos os trunfos da sólida aliança socialista e deixou bem dado o seu recado à imprensa, antes de embarcar de volta, pouco menos de duas horas antes da chegada de Collor, na manhã de ontem.

Ataques — “Não se deixem enganar pela cara de galã, o penteadozinho moderno ou a juventude, porque Hitler e Mussolini também eram jovens, e só não digo o mesmo de Salazar porque ele ficou tão velho que ninguém se lembra” disse Brizola.

“Não vim colocar pedras no caminho dos outros, mas acredito que os europeus não devem nos julgar muito bem quando nossos candidatos andam por aqui pedindo audiência para os chefes de Estado com o intuito de fazer campanha eleitoral”, atinou o ex-governador fluminense, que ainda acrescentou:

“Achamos do nosso dever esclarecer o mundo de que o Brasil está sob ameaça de cair numa impostura. Collor — que é de Mello, mas tem vergonha de usar o nome do pai — é filhote da ditadura, ex-prefeito *biônico* de Maceió, nomeado pelo general Geisel, ex-membro do PDS e *maufista* quando o povo brasileiro clamava em peso pelas eleições diretas. Trata-se da nova cara da direita.”

Irritado — Fernando Collor de Mello estava visivelmente irritado ao desembarcar ontem, em Lisboa, para sentar-se no sofá ainda quente da sala VIP do aeroporto de Lisboa onde, horas antes, Brizola disparava contra ele.

— Nenhum comentário — repetiu três vezes, quando os jornalistas tentaram arrancar dele respostas às críticas de Brizola.

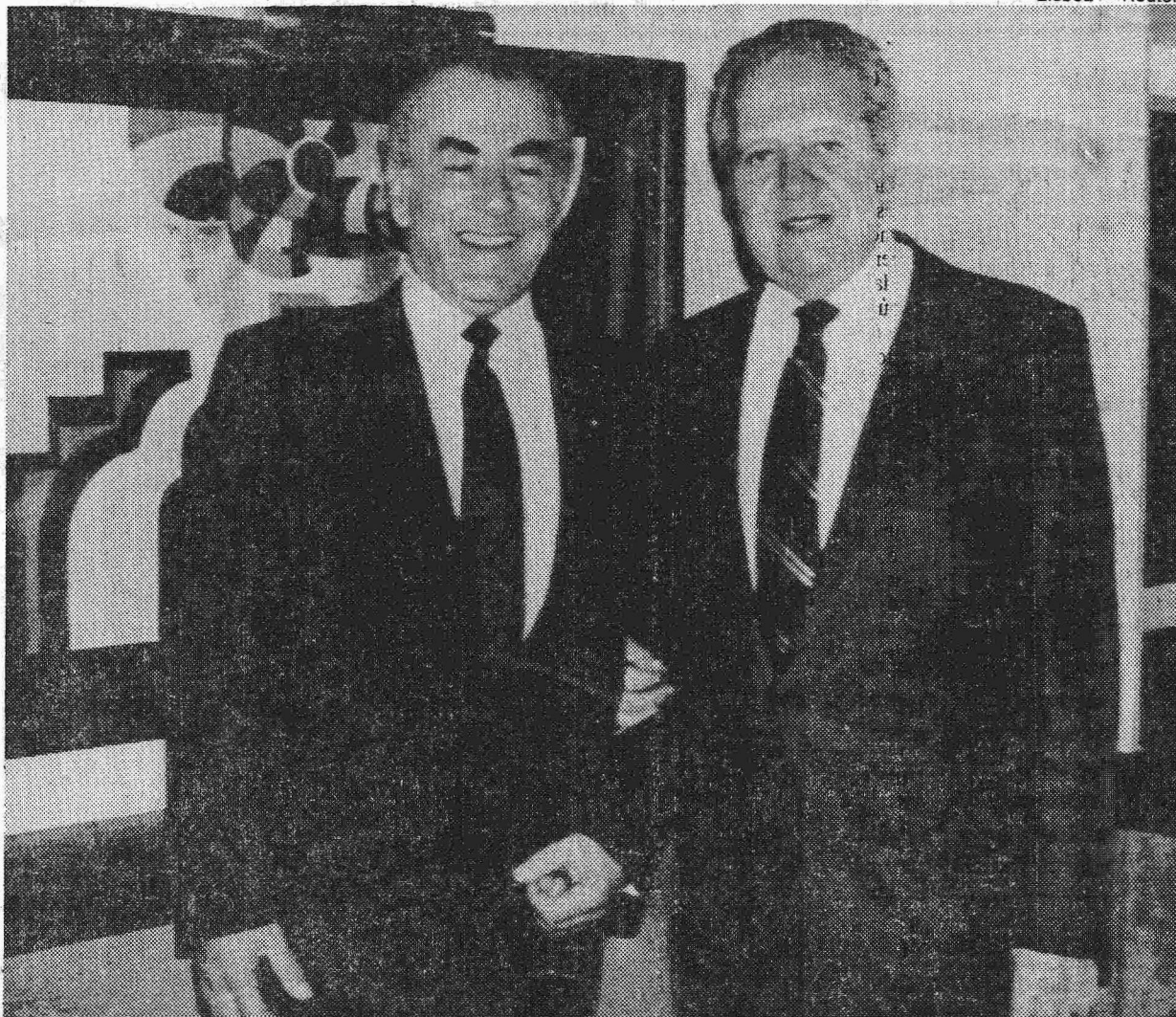
Depois concordou com o candidato pedetista que o cruzamento dos aviões de ambos nos céus foi mesmo “mera coincidência”. E novamente concordou com as declarações do adversário quanto ao fato de ser pouco conhecido na Europa:

— Dizer que pouca gente me conhece é até generoso. Ninguém me conhece, mas não estou procurando me fazer conhecer e sim conhecer.

Tenso, dizendo ter morado em Lisboa quando adolescente, mas não especificando seus vínculos com Portugal — nem o gosto pelo fado ou pelo vinho —, Collor explicou a uma jornalista portuguesa seu programa: “Consciência dos problemas nacionais e reta intenção de resolvê-los, representando os anseios de uma nova geração.”

O candidato do PRN fica três dias em Portugal para concretizar um almoço com o presidente Mário Soares e um encontro com o primeiro-ministro Cavaco Silva, e segue viagem, por quase 20 dias, para conhecer “lideranças europeias” na França, Espanha, Itália, Alemanha, Bélgica e Inglaterra — provavelmente as mesmas que Brizola terá nas mãos nos quatro dias em que passará reunido no Congresso Internacional Socialista, que começa hoje na Suécia.

Além da agenda mal amarrada, Fernando Collor não poderia ter escolhido pior dia do ano inteiro para o rito de iniciação ou o giro da internacionalização: ontem foi o dia da votação para os deputados do Parlamento Europeu e Portugal, que vive com a Comunidade Econômica Europeia seu mais recente namoro, deixou o ex-governador alagoano sem grandes opções de contatos.



Brizola, contente por ter chegado a tempo, critica Collor em encontro com Soares